
A Epistemologia da *História das Ideias* em José Esteves Pereira

uma aproximação

Maria Fernanda Enes



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/cultura/3812>

DOI: 10.4000/cultura.3812

ISSN: 2183-2021

Editora

Centro de História da Cultura

Edição impressa

Data de publicação: 1 janeiro 2017

Paginação: 411-420

ISSN: 0870-4546

Refêrencia eletrónica

Maria Fernanda Enes, « A Epistemologia da *História das Ideias* em José Esteves Pereira », *Cultura* [Online], vol. 36 | 2017, posto online no dia 18 dezembro 2019, consultado a 06 janeiro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/cultura/3812> ; DOI : 10.4000/cultura.3812

Este documento foi criado de forma automática no dia 6 janeiro 2020.

© CHAM — Centro de Humanidades / Centre for the Humanities

A Epistemologia da *História das Ideias* em José Esteves Pereira

uma aproximação

Maria Fernanda Enes

Reflexão

- 1 Em jeito de homenagem a José Esteves Pereira, professor catedrático em Filosofia da UNL, escolhi a temática em título, não para a abordar em estudo ou tão-pouco em ensaio, mas apenas como reflexão. Uma reflexão que integra simultaneamente: a grata admiração pelo Mestre que soube fazer da sua vida um serviço à causa comum de *fazer história em modo de History of Ideas*; a profunda gratidão pelo proveito que retirei do seu magistério, tanto quanto me permite a minha formação no campo da História feita sob o signo da *Nouvelle Histoire*, embora no domínio da História Cultural e das Mentalidades eivada do saber do grande pioneiro da história religiosa que foi Jean Delumeau; gratidão ainda pela convivência amiga no seio da academia. Reconheço que a ausência de formação filosófica específica, por minha parte, me impediu de entrar verdadeira e totalmente naquele modo de *fazer História* de matriz lovejoyana “ponderada”, por assim dizer, a qual me parece caracterizar a tendência dominante, que não exclusiva, na postura epistémica do historiador filósofo José Esteves Pereira.
- 2 herdando a tendência criada em Coimbra pelo Grande Mestre que foi José Sebastião da Silva Dias, a FCSH desenvolveu um esforço no sentido de dar fundamentação teórica à História das Ideias. Embora esta tendência tenha permanecido na universidade-berço com historiadores reputados – entre os quais Luís dos Reis Torgal, Fernando Catroga, Manuela Tavares Ribeiro e outros, a que se foram juntando discípulos de novas gerações integrados no Instituto de História e Teoria das Ideias da Universidade de Coimbra, como tão bem analisou Luís Reis Torgal (1987, 843-867) –, foi na Universidade Nova de Lisboa, em tensão/afirmação com a Filosofia, que ela veio a afirmar-se. Enquanto em Coimbra a designação *História e Teoria das Ideias* se inseria no campo específico da História, partilhando o espaço com o Instituto de História Económica e

Social e de algum modo enquadrando-se no campo epistemológico e metodológico da *École des Annales*, na UNL inseriu-se em outro contexto que não o da História *tout court*, desviando-se para o da Filosofia.

- 3 Neste quadro, verifica-se o relativo afastamento epistemológico do filósofo historiador José Esteves Pereira da área de História das Ideias em direção ao ambiente teórico matricial que o inspirara. É pelo menos assim que eu o vejo, mantendo a reserva, porém, de a vinda para Lisboa legitimar, ela mesma, esta inferência, ancorada no facto de a deslocação de Silva Dias para a FCSH já poder ter trazido no bojo aquele entendimento. Esta reserva é uma hipótese sustentada em dois factos: a integração institucional da História das Ideias no Departamento de Filosofia e a caracterização do Centro de História da Cultura, cuja revista *Cultura* ostentava a designação “História e Filosofia”. A hipótese é ainda corroborada pelo próprio Esteves Pereira ao reconhecer a sua inserção naquela corrente. Nas suas palavras, “pela experiência adquirida no ramo da história das ideias, no seio de uma escola que o Prof. Silva Dias criou e em que me formei” (Pereira 1992, 16).
- 4 É neste contexto, e já com o nosso homenageado, que surge o esforço da fundamentação epistemológica da área ultrapassando o nível de uma metodologia de investigação específica de campos privilegiados na produção histórica. Esta tentativa coloca-nos face ao paradigma da história intelectual sem, porém, se confundir com a sua homónima da escola francesa. Este novo paradigma fundamentar-se-ia sobremaneira numa epistemologia devedora da Filosofia da História de Arthur Lovejoy, expandida na magistral obra *The Great Chain of Being. A study of an idea* (1.^a ed. 1933), como não raras vezes afirmaria José Esteves Pereira, repetindo ou ampliando e aprofundando a reflexão a que dera início na imprensa periódica entre 1982 e 1988, um pouco em tom de reivindicação:

Aceitava-se [na Faculdade de Letras de Coimbra], não linearmente, que deveria haver um paralelismo entre uma história económica e social, por exemplo, e uma história das ideias. [...]. Mas o que me pareceu poder colher, em média, para a consensualidade necessária que veio a verificar-se, foi o estatuto epifenoménico da ideia em relação ao ‘factum’. (Pereira 2004, 16; 2016, 60)
- 5 E o autor continua num discurso de 2015 que alarga e precisa o das intervenções da década de 1980:

Não me parecia ser esse, efetivamente, o caminho a seguir. Mesmo antes de um contacto de leitura com a tradição lovejoiana da *History of ideas*, ela própria insuficiente pelo seu pendor “idealista”, o que se me afigurava mais fecundo era que em história das ideias nos devíamos mover menos pela incidência reflexiva do acontecimental ou do serial da história e mais pela “pensabilidade” do facto, pela “tensão” do facto e acima de tudo, pela perspetiva interrogante, sem nunca esquecer as exigências heurísticas e a atenção ao circunstancial do tempo histórico. (Pereira 2016, 61)
- 6 Lovejoy, na introdução à obra citada, afirmava a diferença entre história da filosofia e história das ideias, procurando um espaço próprio para a disciplina teorizada: “By the history of ideas I mean something at once more specific and less restricted than the history of philosophy. It is differentiated primarily by the character of the units with which it concerns itself” (Lovejoy 2001, 16).
- 7 Como revela a temática dos diferentes capítulos insertos em *The Great Chain of Being*, ele mantém-se no território do pensamento, embora relevando que “a real unit-idea was usually the result of a historic process” (p. 19). Dá-se, assim, importância à

historicidade, cujo processo também ele se reflete na própria ideia, bipolaridade que está praticamente ausente no pensamento especulativo, específico da filosofia. Mas, se é amplo o caminho aberto por esta via, Lovejoy mantém-se próximo da filosofia da história em que o domínio epistemológico da *History of Ideas* de alguma forma servia e se enquadrava. Como afirmara Daniel J. Wilson em “Arthur O. Lovejoy and the moral of the *Great chain of being*”:

Lovejoy's study of the history of ideas was an essential part of his philosophical effort to create a rational and intelligible account of the world. In philosophy, he argued for epistemological dualism, temporalism, and principals of reason. From his earliest essays in the history of ideas [...] Lovejoy hoped to uncover the logical steps by which philosophy could be moved certain that his pluralistic and evolutionary one [...] Lovejoy could be more certain that his pluralistic and evolutionary philosophy was not only possible but also necessary. (Wilson 1980, 250)

- 8 Não se trata, porém, de uma filosofia da história de matriz hegeliana onde a pluralidade não é mais do que aparente, incorporada que está no “Espírito da História” e onde este, ao desvelar-se, se cumpre; em Lovejoy a diversidade e a pluralidade constituem-se como elementos caracterizadores e imprescindíveis à construção e ao entendimento da História. Não admira, portanto, que tal visão seja sedutora para quem vê no “fazer da história” a possibilidade, ainda que problemática em si pela dificuldade em apreender o real na sua total dimensão, de captar a intencionalidade do agir dos homens no espaço e no tempo. No pensamento epistemológico do historiador das ideias José Esteves Pereira, e embora ele próprio se coloque na esteira de Lovejoy não deixando de lhe criticar o pendor idealista, como já referi, é afirmada, no entanto, a validade de uma história intelectual “no tratamento histórico da *ideia*”. Mas, se é este tratamento o núcleo da história das ideias, o nosso autor alarga-o ao espectro da vigência da *ideia* enquanto *factum*. Apresenta-o mesmo como “*topos* privilegiado sobre a reflexão do próprio *histórico*” (1992, 28) nas suas múltiplas dimensões, mesmo naquelas em que é mais difícil captar a ideia pelo carácter eminentemente pragmático, como são os casos da história social e da económica. Aliás, esta última foi território privilegiado em estudos insertos na obra *Percursos de História das Ideias* e, bem assim, no seu magistério tanto a nível de licenciatura como, de modo particular, no mestrado de História Cultural e Política onde fez verdadeira escola. E a suportar esta sua visão aduz, como elemento de autoridade mas também como suporte ao seu próprio pensamento, a asserção do reputado e eminente historiador anglicano Owen Chadwick, introduzindo-lhe sublinhados significativos quanto ao modo de pensar a *history of ideas*:

Penso e acredito (...) que, sem a pesquisa intelectual a pesquisa social está destinada a soçobrar; tanto quanto o está a pesquisa intelectual quando os historiadores não interrogam sobre a natureza da sociedade em que as ideias foram propagadas ou rejeitadas. (Pereira 1992, 33)

- 9 Ora, torna-se evidente que o pensamento do académico da UNL abre a história das ideias a outros modos de fazer história que não em exclusivo ao viés intelectual ou filosófico. A aproximação a este modo de fazer história pode fazer-se tanto pela via da análise de um determinado processo histórico marcado pelo acontecimental, como pela evolução das ideias nesse mesmo processo e o modo como o próprio processo histórico as “incarna”, aceitando-as, deturpando-as ou rejeitando-as. Se no primeiro caso se privilegiam os factos, embora colocando-os sob a mira interrogativa e problematizante, no segundo parte-se da análise de uma determinada ideia que faz a sua “evolução” na historicidade. Tanto num caso como no outro, busca-se a intencionalidade do agir humano situado em determinado tempo e num dado espaço. Dito de outro modo, as

ideias tanto podem ser tratadas enquanto produtos elaborados da mente humana agindo na temporalidade histórica, como apreendidas na complexa intencionalidade, onde se imbricam fatores conscientes e inconscientes que se inserem em contextualidades e temporalidades diversas. Essa é a novidade específica, assim creio, da expressão “pensabilidade do facto, pela ‘tensão’ do facto e acima de tudo, pela perspectiva interrogante”, trecho já acima transcrito, núcleo central da epistemologia de José Esteves Pereira.

- 10 É portanto uma postura epistemológica bem diferenciada do modo de fazer história das ideias “à francesa” que Alphonse Dupront critica:

L’histoire des idées, en demeurant mal distincte et capable de recevoir, un peu comme un fourre-tout généreux, tout ce dont l’histoire traditionnelle s’occupait si peu, *incline trop vers l’intellectualité pure, la vie abstrait de l’idée* isolée souvent outre mesure des milieux sociaux où elle s’enracine et qui diversement l’expriment. (Dupront 1998, 45)

- 11 Todavia, o mesmo autor da história antropológica reclama a aproximação à *history of ideas* enquanto “pensabilidade do facto”, ao afirmar: “Ce qui importe, autant que l’idée et peut-être plus, c’est l’incarnation de l’idée, ses significations, l’usage que l’on fait” (*ibidem*). Para Esteves Pereira a aproximação constitui-se como uma evidência: “em história das ideias estamos, sobretudo, perante a apreensão reflectida do facto enquanto multiplicidade significativa” (Pereira 2004, 18).

- 12 Mas, se a noção de “pensabilidade do facto” ressalta em centralidade epistémica, ela implica necessariamente outras noções. Talvez a de maior significado seja a *tensão* das ideias, quer entre si no processo evolutivo, quer face à resistência da cultura, entendida no sentido antropológico e na sua dimensão tradicional como Ernest Gellner a configura em *Razão e Cultura*. Esta vertente tensional é recorrente nos escritos do autor em análise que, como que à laia de síntese, escreve em 2004:

É que as tensões políticas, culturais, religiosas, entre outras, que a história das ideias fecundantemente pode tratar, surgem de uma forma que exige mediação aberta ao dramático e ao problemático da temporalidade que só do ponto de vista da apreensão reflectida do facto é possível. (Pereira 2004, 18)

- 13 As tensões assim apresentadas colocam de imediato a necessidade de abordagens diferenciadas no domínio da história, e não só. Exigem a cooperação de outros saberes, e não apenas os das ciências auxiliares. Não sendo estes diretamente cultivados pelo historiador das ideias que tem de se socorrer deles para alcançar o nível de problematização específica deste modo de fazer história – enfoque que está na base da abertura da *history of ideas* a historiadores provenientes de outras áreas do saber, unidos pela perspectiva reflexiva e interrogante específica do *topos* da *history of ideas*, e a outros cientistas das ciências sociais em geral.

- 14 Entramos aqui nas variantes que a obra editada por Donald Kelley, *History of ideas – Canon and variations*, releva, mas também com as aportações de outras áreas do saber. Deparamo-nos, assim, com outro vetor do pensamento epistémico de Esteves Pereira, a *inter*, a multidisciplinaridade e, mesmo, a transdisciplinaridade. Nas suas palavras: “Da atitude dessa pensabilidade do facto, da sua resistência, da sua tensão e da sua transfinita significação decorria como que naturalmente a vocação pluridisciplinar e transdisciplinar” (Pereira 2004, 18).

- 15 Assim, a abertura à *inter* e multidisciplinaridade do posicionamento teórico do nosso filósofo historiador induz e permite o acolhimento à diversidade de *olhares* sobre o

factum histórico e a respetiva busca de intencionalidades subjacentes. O cruzamento de enfoques vindos das áreas da filosofia, da história, da antropologia, da economia ou sociologia, da linguística, etc., mas, sobretudo, das metodologias e aparelhos conceptuais respetivos são úteis não apenas na investigação mas de modo particular na lecionação, propiciando diferentes modos de fazer a própria história das ideias. Deste modo, no seu interior, uns buscam a perceção mais ou menos direta ou mediada de ideias, mostrando-se embora sensíveis à sua projecção na historicidade; outros buscam nos factos, colhidos nos repositórios arquivísticos ou em diversos registos do passado e do presente, as ideias que os erigiam; outros, ainda, socorrem-se de estudos parciais já elaborados, neles se apoiando para a realização de uma história essencialmente problematizadora e interrogativa. Em qualquer dos modos, sempre privilegiando uma heurística devedora da escola positiva de fazer história (que alguns gostam de designar de escola metódica) e, por meio de hermenêutica rigorosa, rastreando e explicitando as ideias incorporadas na historicidade – umas vezes com a clareza conceptual porque próximas da via especulativa; outras, por meio da “pensabilidade” dos factos, de forma mais ou menos difusa e até corrompida, fruto de uma receção tensional das ideias no devir histórico.

- 16 Tanto nuns como noutros casos, o privilegiar as ideias que se difundem e eram apropriadas pela tessitura histórica não pode ser entendido como o fazer de uma filosofia de segundo plano, nem tão-pouco história da filosofia, antes como apreensão, na trama da historicidade, da inteligibilidade do agir dos homens em dados espaços e tempos culturais, ou seja, o fazer de uma história das ideias. Neste sentido, Esteves Pereira coloca judiciosamente em exergo a um dos seus escritos a expressão de Sterling Lamprecht: “A história da filosofia é a história do pensamento do filósofo; a história das ideias é a história do pensamento do homem” (Lamprecht 1992, 25). Resta dizer que este “homem” tem de ser entendido na sua temporalidade.
- 17 É da natureza de qualquer modo de fazer a história a reconstrução do passado, o que implica a relação com os registos desse mesmo passado. Se, quanto à construção das ideias, domínio privilegiado da especulação filosófica, a questão é relativamente fácil, pois estamos no domínio da cultura escrita maximamente elaborada, já no que concerne ao processo histórico em que aquelas evoluem – enquanto incarnadas no agir concreto dos homens e das sociedades em si mesmos – os registos nem sempre manifestam a intencionalidade que as erige, afetando-lhes a fiabilidade. Embora os vestígios sejam múltiplos e de variada natureza, e neste campo a *Nouvelle Histoire* foi decisiva, nem todos merecem similar confiança. Também sabemos como é vulnerável a sua conservação e em que medida muitos dos factos não deixaram ou não foram considerados merecedores de registo, podendo aceder-se-lhes apenas por inferência *a contrario*, como que em reverso de factos cujos testemunhos até nós chegaram ou então através de imagens fixadas em narrativas coevas, quase sempre amplificadas pela imaginação da tradição oral – e neste âmbito o próprio mito ou as descrições míticas são significativos – ou da gesta literária. Aqui é de relevar o contributo que Paul Ricœur dá à imaginação no discurso hermenêutico, onde se constitui como elemento necessário na *narrativa* histórica (Ricœur 1985, V. III: 15-144).
- 18 Creio ser de extrema significação, no seio da epistemologia de Esteves Pereira, a relevância que dá à imagem, pois de algum modo ela recria o contexto do processo histórico como se de dramaturgia se tratasse. Nas suas palavras:

Um outro aspecto que importa considerar no âmbito da epistemologia de história das ideias é o da atitude perante o ‘*res gestae*’ da história [...] para a qual Michael

Oakeshott chamara a atenção envolvendo não só as ações humanas, em geral, mas as ações reflectidas [...]. Em reflexão que hoje, para alguns, interessará sobremaneira, o historiador inglês queria reencontrar o ‘vivo’ do histórico e é curioso que chamasse a isso ‘provas da essencialidade do histórico’ e algo de ‘arqueológico’. Para ele as grandes sagas poéticas que exprimem muito do tempo dos povos europeus e orientais, mostravam desde cedo o que veio a ser reconhecido não como facto mas como *imagem*. (Pereira 2004, 21 e s.)

- 19 Ora aqui entramos no último vetor do pensamento do autor de *Percursos de História das Ideias*, sendo aquele que me levanta problemas: a convicção de que a *history of ideas* se apresenta como “terreno privilegiado de uma história global”, mesmo se afirmada não em sentido de verdade absoluta mas apenas funcional:

o captar de um percurso do homem no tempo, não enquanto hipótese explicativa, mas enquanto espelhamento de uma totalidade problemática [...] parece colher-se que a história das ideias é uma ciência compreensiva, de sentido globalista, de mediação significativa e de raiz indutiva. (Pereira 1992, 23)

- 20 Estou convencida, no entanto, de que Esteves Pereira hoje, volvido mais de três décadas sobre este seu escrito, e ao contrário do que sucedera com as outras posições (podemos dizer premissas?), não a sustentaria e, talvez por isso, não mais a retomou. Em vez da “totalidade problemática” ou “ciência compreensiva, de sentido globalista”, o autor prefere falar da “totalidade do tempo que ao historiador interessa”. Ora, se a totalidade é o que interessa ao historiador, ela não é total; é sempre parcial – por força da limitação dos registos e da incapacidade de apreensão de um passado cuja totalidade não é passível de ser apreendida. Mantém-se a aporia, embora em reflexão de 2004 ela se encaminhe noutra direção que abaixo referiremos.

- 21 A reflexão que a partir daquele período, sobretudo na escola francesa mas também na anglo-saxónica, se tem multiplicado – com especial incidência em Pierre Nora, Roger Chartier ou Preston King e Donald Kelley, entre outros – alerta-nos judiciosamente para os problemas dos “registos” do vivido e do relativismo face à parcialidade de quem os produziu e de quem os analisa e interpreta, o que, de resto, ocorre em todos os modos de “fazer história”. Quanto à deficiente validade dos registos para a apreensão do real, há que salientar as dificuldades advenientes da ocultação dos “vencidos” nas relações socio- políticas, a perda ou o deficiente tratamento de muitos dos documentos ou ainda o não fixado de muitos dos usos, costumes, valores que enformam o agir das sociedades e/ou das “comunidades” ao longo do seu percurso histórico. De modo similar há que referir a inevitável subjetividade que, mesmo com todo o rigor metodológico, heurístico e hermenêutico, marca os modos de fazer história. É, portanto, uma tarefa sempre parcial e relativa, mais ou menos radicalmente, porque a história se constrói entre a objetividade e a subjetividade. E não só em relação ao absoluto mas também ao global plural. A variação dos modos e dos temas sobre os quais versa a história nas diferentes épocas, por sua vez, denota a impossibilidade de uma história global. Aliás, a referência logo em 1983, pelo nosso autor, à “raiz indutiva” já postulava esta impossibilidade ou pelo menos revelava uma aporia difícil de ultrapassar.

- 22 É considerando a variação da produção historiográfica que o filósofo historiador reflete sobre o enviesamento do passado a partir dos interesses ou das percepções do presente: “Cumprir afirmar que, no que ao território do historiador de ideias diz respeito, nos enfrentamos com o que podemos saber do passado, e pode pôr-se em juízo que todo o conhecimento é inclusivamente presente” (Pereira 2004, 19).

- 23 Interessante é o facto de José Esteves Pereira recorrer à lógica de matriz aristotélica para, assertivamente, registar esta posição crítica:
- Há dois aspectos que nos reenviam para a presencialidade como antinomia. Primeiro: se as ideias que, por hipótese, atribuímos a um passado são agora pensadas no presente, então a hipótese carece de bases, pois é demonstrável evidência serem pensadas no presente. Mas noutra instância, se as ideias que sabemos serem pensadas no presente são atribuídas ao passado, então não podemos saber sequer se a atribuição é válida, pois não podemos realmente pensar estas ideias presentes no passado. (*Ibidem*)
- 24 Torna-se evidente que este raciocínio lógico, mesmo não sendo histórico, demonstra *per se*, no contexto discursivo de Esteves Pereira, que não está em causa uma postura niilista mas tão-só o relativismo no modo de entender tanto o tempo cronológico como o tempo “substantivo” da historicidade dos factos que sabemos, por testemunhos credíveis e pela análise do presente, terem existido no passado – a tal “presencialidade por antinomia”. Como em outro lugar Esteves Pereira escrevera: “passado e presente são noções correlativas [...] sobretudo entre *tempo cronológico* e *tempo substantivo*” (Pereira 1992, 138), sustentando-se em similar asserção de Preston King que transcreve.
- 25 A conclusão a que nos conduz esta nossa reflexão é a de que o fazer da História das Ideias tem, entre nós, um espaço ainda por desbravar e que muito contribuirá para o nosso autoconhecimento. A problematização e a interrogação que a caracterizam conduzir-nos-ão a uma abertura a enfoques sempre renovados em busca de respostas que, um pouco como no mito de Prometeu, nunca nos poderão satisfazer plenamente. Contudo, estou convencida de que a *real unit-idea* em evolução no processo histórico, em multi e transdisciplinaridade, nos pode conduzir, qual fio de Ariadne, a aproximações sucessivas ao conhecimento das intencionalidades do agir do homem ao longo da temporalidade histórica que se visa conhecer.
- 26 A obra publicada de José Esteves Pereira, quer em livros quer em estudos, elaborada sob o enfoque da sua refletida e problematizadora epistemologia, constitui-se como prova da eficácia do seu pensamento epistémico.
- 27 Obrigada, José Esteves Pereira!

BIBLIOGRAFIA

CHADWICK, Owen. 1979. *The Secularization of European Mind in the Nineteenth Century*. Cambridge: Cambridge University Press.

CHARTIER, Roger. 1998. *Au bord de la falaise. L'Histoire entre certitudes et inquiétudes*. Paris: Albin Michel.

DUPRONT, Alphonse. 1998. “Problèmes et méthodes d’une histoire et de la psychologie collective”. *Apud* Roger Chartier, 1998, *Histoire intellectuelle et Histoire de Mentalités, in Au bord de la falaise: L'Histoire entre certitudes et inquiétude*. Albin Michel.

GELNER, Ernest. 1995. *Razão e Cultura*. Lisboa: Teorema.

KELLEY, Donald R. (ed.). 1990. *The History of Ideas – Canon and variations*. New York: University of Rochester.

KING, Preston. 1983. *The History of Ideas. An introduction to method*. New Jersey: Croom Helm/Barnes & Nobel Books.

LEGOFF, Jacques. 1975. “Les mentalités: une histoire ambiguë”. In *Faire de l’Histoire*, dir. Jacques LeGoff e Pierre Nora, v. III: 76-94. Paris: Gallimard.

LOVEJOY, Arthur O. 2001. *The Great Chain of Being. A study of an idea*. Cambridge Massachusetts/London: Harvard University Press.

NORA, Pierre (ed.). 1987. *Essais d’ego Histoire*. Paris: Gallimard.

PEREIRA, José Esteves. 1992. *Sobre a História das Ideias. Intervenções – recensões (1982 – 1988)*. Lisboa: CHC/ UNL.

PEREIRA, José Esteves. 2004. *Percursos de História das Ideias*. Lisboa: IN-CM.

PEREIRA, José Esteves. 2016. *A Última Lição*. Lisboa Porto: Fundação Eng. António de Almeida.

RICŒUR, Paul. 1985. L’aporétique de la temporalité. *Le Temps récit*, V. III: 15-144. Paris: Éd. du Seuil.

TORGAL, Luís dos Reis. 1987. “História ... que História? Algumas reflexões introdutórias à temática da História local e regional”. *O Sagrado e o Profano. Revista de História e Teoria das Ideias* 9(3): 843-867.

WIENER, Philip (ed.). 1990. *Dictionary History of ideas – Canon and variations*. New York: Charles Scribner’s Son.

WILSON, Daniel J. 1980. Arthur O. Lovejoy and the moral of the *Great chain of being*. *Journal of the History of Ideas* 41(2): 249-265.

WILSON, Daniel J. 1987. Lovejoy’s *The Great Chain of Being* after fifty years. *Journal of the History of Ideas* 48(2): 187-206.

RESUMOS

A reflexão que apresento em homenagem ao historiador das Ideias, o filósofo José Esteves Pereira, procura relevar, pela via hermenêutica do seu pensamento epistémico desenvolvido desde os primeiros escritos na década de 1980 até à reflexão de 2016, os núcleos eidéticos que marcam o modo de fazer da História das ideias. Seguindo o seu discurso, procurei mostrar como nele a epistemologia se enquadra no domínio da History of Ideas, ultrapassando-a, nomeadamente no âmbito da multi e da transdisciplinaridade, bem como ao nível da abrangência das linhas de investigação. A sua epistemologia constituiu a pedra de toque da “escola” que na NOVA FCSH iniciou o percurso neste modo de fazer história, permitindo a abertura a formações diversas e complementares do saber filosófico, matriz da ideia que o historiador pesquisa enquanto *factum* incarnado na temporalidade histórica.

The reflection here presented in honour of the historian of ideas and philosopher José Esteves Pereira attempts at revealing, through the hermeneutics of his epistemic thought developed since his early writings, in the 1980’s, and until 2016, the eidetic nuclei that marked his approach to the history of ideas. Following his suggestions, I try to show how his epistemology dovetails the “History of Ideas” tradition, surpassing it, particularly in the multi and transdisciplinary dimensions, as well as in the lines of research followed. His thought constitutes the touchstone of

the “school” that initiated at NOVA FCSH this particular way of approaching history, allowing the development of diverse and complementary venues of philosophical knowledge, a matrix of ideas that the historian researches *qua factum* in the historical process.

ÍNDICE

Keywords: real unit-idea, historicity, thinkability, tension, problematization, transdisciplinarity, historical totality, objectivity vs. subjectivity

Palavras-chave: real unit-idea, historicidade, pensabilidade, tensão, problematização, transdisciplinaridade, totalidade histórica, objetividade vs. subjetividade

AUTOR

MARIA FERNANDA ENES

Professora associada aposentada da NOVA FCSH, Portugal. fernanda.enes@sapo.pt

Professora associada aposentada da NOVA FCSH. É autora de livros e artigos na área da História das Ideias Religiosas, na qual se especializou e realizou a sua Tese de Doutoramento e a Agregação.

PhD in History of Ideas. Retired Associate Professor at NOVA FCSH. She authored books and articles on topics of the History of the Religious Ideas, area in which she also obtained a PhD and a Habilitation Degree.